



SÉRGIO CAMARGO

"Eu fazia tudo de maneira artesanal, relevo por relevo. Meu estúdio de Paris tinha pouco espaço e até então não tinha vendido nenhuma escultura. Quem comprou meu primeiro trabalho foi a baronesa de Rothschild. Com esses três mil francos comprei uma serra para trabalhar."

Agora Sérgio está mais envolvido com o mármore, que tem que buscar nas montanhas e nas pedreiras subterrâneas de Carrara.

"Voltei para morar definitivamente no Brasil, gostei dessa minha casa de Jacarepaguá, não pretendo sair daqui tão cedo. Porém, não há condições para trabalhar com o mármore nacional, fazendo o tipo de trabalho que faço. Preciso do branco absoluto, que uso fosco, sem polimento, e além disso exijo formas cortadas com muita precisão. Por isso é que mando minhas maquetes para a Itália, para terminar cada uma das peças. Em Carrara, uso uma equipe de artesãos que há quatro gerações estão no mesmo ramo. Posso colocar ouro em pó na mão deles ou encomendar os blocos de mármore em qualquer proporção. Confio neles e sei que o trabalho será perfeito."

Os endereços na Europa. O Brasil tem poucas peças de Sérgio Camargo em lugares públicos oficiais e ele também não está à vista no acervo dos museus de arte contemporânea. Mas é claro que isto só acontece aqui no seu país natal. Até em Trondheim, na Noruega, existe uma enorme escultura branca, que pode ser vista facilmente pelo público. Ao ar livre, também estão algumas peças em diferentes pontos da Europa, incluindo a praia de Port Baccres e o pátio da Faculdade de Medicina de Bordeaux. E um colecionador de Oslo possui trinta esculturas que várias vezes foram mostradas em exposições pela Europa.

Com estes novos mármore que estão chegando da Itália, pela primeira vez será realmente possível mostrar, numa grande exposição, todas as variações de suas esculturas, em diferentes tamanhos.

"Mesmo assim", esclarece Sérgio Camargo, o tamanho de uma escultura não indica que o artista domina as grandes proporções. É o modo de ordenar os volumes, a maneira de articular formas e proporções, que sugerem a monumentalidade. O exemplo mais claro em São Paulo é o do Borba Gato. Não adianta ele ser tão grande, na verdade é um simples bonequinho".

Circuito latino. Raros são os artistas brasileiros que já conseguiram atravessar a barreira da América de língua espanhola, e quase sempre eles chegam aos países vizinhos, depois de terem passado ou por Nova York ou pela Europa, para depois voltar pela América Latina. No caso de Sérgio Camargo, enquanto morava em Paris, ele tinha contato com os latino-americanos que provocaram a explosão da arte cinética e o seu trabalho sempre foi acompanhado com o maior respeito em toda a América.

Tanto assim, que o exigente diretor do Museu de Arte Moderna da Cidade do México, Fernando Gamboa, dedicou-lhe uma exposição na ala principal do museu, com um ca-

Continua na pág. 227